

O NEGRO NA HISTORIOGRAFIA DIDÁTICA: IMAGENS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES ¹

Ricardo Oriá*

1. Introdução

A celebração de efemérides nacionais é uma excelente oportunidade para procedermos algumas reflexões sobre a construção da memória nacional em torno das chamadas datas cívico-comemorativas. Só muito recentemente, a partir do final dos anos 80, em virtude da emergência do movimento negro organizado, é que a data de 20 de novembro passou a ser incorporada no calendário nacional como “Dia Nacional da Consciência Negra”, em alusão à morte de um dos maiores líderes afro-brasileiros da história nacional, Zumbi dos Palmares.

Este texto objetiva, pois, trazer algumas contribuições à reflexão sobre essa efeméride nacional ², a partir de uma análise crítica acerca da imagem do negro, sua história e sua cultura, na produção editorial do País. Analisaremos, também, até que ponto a literatura didática tem incorporado novos temas e novos objetos da recente produção historiográfica brasileira acerca da questão

* Assessor Legislativo da Área de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados e cursa o Doutorado em História Social e das Ideias na UnB.

Textos de História, v. 4, n° 2 (1996): 154-165

1. Texto apresentado como comunicação no XVIII Simpósio Nacional de História, realizado em Recife-PE, em julho de 1995, como parte integrante do módulo de atividades intitulado “Zumbi: Memória, História e Identidades”.
2. Em 1995, comemorou-se em todo o País o tricentenário de morte de Zumbi (1695-1995). O Presidente da República Fernando Henrique Cardoso promulgou a Lei n° 9.125, de 07.11.1995, que institui o ano de 1995 como o Ano Zumbi dos Palmares, em homenagem ao tricentenário de sua morte. Em nível nacional, as comemorações estiveram a cargo da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura.

do negro, como os processos de dominação/resistência, cultura material, cotidiano, imaginário, identidades e representações sociais. Pretendemos, pois, mostrar a imagem do negro veiculada pela historiografia didática, bem como o conteúdo ideológico subjacente aos textos e às ilustrações dos livros destinados ao ensino fundamental.

A escolha do material de pesquisa – livros didáticos destinados ao ensino fundamental – deve-se ao fato de que, no espaço da sala de aula, ainda é o material de ensino-aprendizagem mais utilizado, dada a caracterizada carência de outros recursos didáticos em nossas escolas, sobretudo nas do setor público.

O presente texto constitui, também, uma tentativa no sentido de elucidar, para quantos se utilizam do livro didático como recurso pedagógico no processo ensino-aprendizagem, que ele não é neutro, imparcial, mas sim portador de uma ideologia – ideologia esta que, muitas vezes, reproduz os conceitos e valores dos setores dominantes da sociedade.

Sendo assim, é comum encontrar-se nos livros didáticos textos, expressões e até mesmo ilustrações e figuras que reproduzem e reforçam a visão de uma sociedade elitista e excludente, que tenta mascarar as contradições sociais e os conflitos de classe e desprezar o papel das minorias sociais, tais como índios, negros e mulheres no processo histórico. Portanto, o livro didático, ao cumprir a sua função educativa de informar e “formar” gerações, tem também contribuído para difundir e perpetuar determinadas idéias, valores, preconceitos, estereótipos e visões deturpadas, fazendo, assim, “a cabeça” de nossos alunos e, até mesmo, dos professores.

Assim, o livro didático atua como difusor de preconceitos. O índio é visto como ‘selvagem’, desconhecendo o ‘progresso’, ‘nu e enfeitado com cocares’; a mulher é valorizada enquanto mãe, doméstica, ou bordadeira, costureira, babá. Igualmente o caboclo brasileiro é desvalorizado, qualificado de ‘caipira’ pejorativamente. Isso ocorre com muitos movimentos sindicais ou políticos onde o trabalhador comum,

por não conhecer o 'jargão' dos 'chefes', é visto como 'masa atrasada' ³.

Esses são apenas alguns exemplos que bem mostram o quanto índios, negros, mulheres e outros segmentos étnico-culturais são discriminados nos livros didáticos.

A fim de aprofundarmos algumas questões pertinentes à ideologia desses livros, analisaremos qual a imagem do negro veiculada por eles, notadamente os de maior aceitação e utilização entre professores e alunos ⁴, bem como seu conteúdo ideológico subjacente. Para tanto, mostraremos, também, no decorrer do texto, que a atual situação de discriminação vivida pela população negra e mestiça em nosso País reflete-se diretamente no cotidiano de nossas escolas, por serem estas instrumentos de permanência do preconceito racial, ao reproduzirem a ideologia vigente na sociedade, perpetuando valores e conceitos preconcebidos acerca do negro – sua história e sua cultura.

2. O Negro e a Educação

Vinte e um anos, negra, professora primária, estudante de Pedagogia, com experiência em cursos de alfabetização. No primeiro semestre de 1985, apresentou-se para estágio numa escola para crianças localizada num bairro de classe média em Salvador. Depois de algumas semanas trabalhando sem remuneração, sentiu que tinha conseguido o lugar que pretendia. A coordenadora e as colegas deixavam transparecer satisfação com seu trabalho. Só que não houve

3. FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia do livro didático*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1984, p. 06.

4. Foram definidos para a análise pretendida os livros mais adotados na rede pública e privada de ensino em Fortaleza, durante o ano de 1993. Entre os quais destacam-se: Coleção "Mundo Mágico" (Editora Ática), Coleção "Ainda Brincando" (Editora do Brasil), "Caminhando Nordeste" e "Caminhando Ceará", ambos da Editora FTD, "Eu Gosto de Estudos Sociais" (Editora Nacional) e da Editora IBEP: "A Criança, sua Família e sua Escola", "A Criança e sua Comunidade", "A Criança e o Município", "A Criança e o Brasil".

contrato. Explicaram-lhe que a decisão não era dos donos da escola, mas uma imposição dos pais dos alunos. *Ela não fazia um "tipo" que os agradasse. Foi substituída por uma professora loura de olhos azuis, sem nenhuma experiência. A escola, entretanto, empregava várias negras como serventes.* (grifos do autor)

Notícias como essas, que acabamos de ler, veiculadas pela imprensa nacional (*Jornal da Bahia*, de 23.09.1993), bem mostram o quanto a nossa escola é racista, desmascarando, assim, a tão propalada "democracia racial brasileira", que não passa de mito criado pela elite dominante em nosso País, no sentido de escamotear a questão racial ainda não resolvida no Brasil, mais de cem anos depois de abolida a escravidão no País.

Segundo dados fornecidos pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Sócio-Econômicos), há atualmente 23 milhões de crianças brasileiras que estão sem estudar. Desse contingente em idade escolar, 20 milhões são negras. E mais ainda: em cada 100 brancos, só 15 ficam sem estudar, enquanto, de cada 100 negros, 42 não conseguem completar seus estudos. O índice de analfabetismo da população negra é três vezes maior do que o da população branca, isto é, enquanto 9,1% dos brancos têm 10 ou mais anos de escolarização, apenas 1,1% da população negra alcança o mesmo nível. Se partirmos para uma análise a nível de Terceiro Grau, a situação mostra-se mais contundente. Em cada 100 brancos, de 10 a 15 entram na faculdade, ao passo que, em cada 100 negros, apenas 1 consegue ingressar na universidade.

Segundo dados oficiais do IBGE, os indicadores sobre o índice de analfabetismo confirmam o quadro de disparidades sociais que afetam os negros e mestiços. Enquanto 18,2% da população brasileira com mais de 15 anos eram analfabetos, em 1990, esse percentual se elevava para quase 30% da população negra, e 27,4% da população parda.

Assim, conclui-se que o sistema educacional brasileiro, como um todo, ao excluir precocemente uma parcela significativa da população negra de seus quadros, tem contribuído, cada vez

mais, para marginalizá-la, impedindo que esta alcance uma condição de vida mais digna e acesso ao exercício da plena cidadania.

3. O Negro nos Livros Didáticos: imagens e representações

Já é quase lugar-comum entre os educadores, haja vista a grande quantidade de livros e teses publicados nos últimos anos⁵, de denunciar o racismo na produção didática de nosso País. Sendo o principal, quando não o único, face à caracterizada carência de recursos materiais em nossas escolas, o livro didático é, por assim dizer, um veiculador de preconceitos, estereótipos e discriminações contra o negro.

De modo geral, os livros didáticos, principalmente os de História, Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira, influenciados por uma historiografia de matriz positivista que privilegia a participação dos setores dominantes da sociedade na história, têm omitido o papel do negro como agente histórico.

Assim, são raros os livros que mostram o negro como sujeito de sua própria história, e que analisam o cotidiano do escravo na fazenda e no meio urbano, bem como suas diversas formas de luta e resistência à escravidão que lhe foi imposta pelo homem branco, desde práticas individuais, tais como, suicídio, aborto, banzo, fuga, assassinatos, passando pela preservação de crenças, hábitos, costumes e tradições africanas até formas de resistências organizadas como, por exemplo, os quilombos (vide Quilombo dos Palmares e tantos outros que nem sequer são mencionados), até formas de rebelião armada (A Revolta dos Malês em Salvador, a Cabanagem no Pará, a Revolta da Chibata no Rio de Janeiro, a Conjuração dos Alfaiates na Bahia, a Balaiada no Maranhão...).

No tocante ao processo da abolição, ela é comumente tratada nos didáticos como uma concessão "humanitária" do Gover-

5. Ver as referências bibliográficas, onde estão listados vários livros que tratam da temática do livro didático e seu papel no contexto do processo ensino-aprendizagem.

no Imperial. Portanto, a abolição da escravatura é vista como uma “dádiva” da Princesa Isabel, a qual “deu a liberdade” aos negros cativos e que, por este ato magnânimo, recebeu o título de “A Redentora”. A abolição é estudada como uma coisa feita só por brancos e os abolicionistas, por conseguinte, são enaltecidos, numa visão ufanista, romântica e idílica, como os únicos responsáveis pela extinção do cativo. Em nenhum momento, a abolição é colocada na dimensão da resistência dos negros que vinham se insubordinando às formas e relações de trabalho escravo.

Os personagens históricos, os chamados “grandes vultos nacionais”⁶, que aparecem nos manuais são quase sempre brancos (Princesa Isabel, Duque de Caxias, D. Pedro I, etc.). Onde estão os líderes negros que também fizeram a História (Zumbi, Ganga Zumba, João Cândido, etc.)?

A renovação teórico-metodológica vivenciada pela Ciência da História nos últimos anos ainda não se fez sentir na produção didática do País. Temas como cotidiano, mentalidades coletivas, imaginário, cultura material, representações sociais e processos de dominação e resistência do negro à sua condição escravocrata não estão presentes na maioria dos didáticos analisados. O próprio relatório elaborado pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) sobre a qualidade dos didáticos constatou que:

...há uma defasagem entre a produção acadêmica na área do ensino de História...e a produção de livros didáticos voltados para as séries iniciais. Questões que estão sendo amplamente debatidas, tais como conceito de espaço/tempo, temas locais e regionais, o conceito de trabalho, datas comemorativas, entre outras, são apresentadas de uma forma que, na maioria dos casos, desconsidera os resultados de pesquisas divulgadas e debatidas no Brasil e no mundo.⁷

-
6. Neste sentido, consultar MICELI, Paulo. *O Mito do Herói Nacional*. São Paulo: Contexto, 1988, Coleção Repensando a História.
 7. Ministério da Educação e do Desporto/Fundação de Assistência ao Estudante. *Definição de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos (1ª a 4ª séries)*. Brasília: MEC/FAE, 1994, p. 66.

Neste sentido, há um fosso gritante entre a história que se produz – a historiografia brasileira atual respaldada na nova história francesa e na história social inglesa – e a história que se ensina nos bancos escolares, via livro didático.

Vale ressaltar também que nos textos didáticos, o negro é citado apenas no passado, como se não existissem negros no Brasil de hoje, ignorando-se, assim, um dado concreto e real: somos o segundo maior país do mundo em população negra (44,3% do total), perdendo, apenas, a primeira posição para uma nação africana – a Nigéria.

No que concerne às ilustrações dos textos, a figura do negro quase nunca aparece, e quando aparece, é sempre representado em posições subalternas, tais como, a de empregado doméstico, servente, motorista, etc. Assim, as melhores profissões são sempre exercidas por brancos, por denotarem mais prestígio e poder, enquanto que as funções mais humildes são desempenhadas, predominantemente, por elementos de cor negra e/ou mestiça.

Numa análise quantitativa, as ilustrações de pessoas brancas são mais freqüentes, ocupando posição de destaque e em primeiro plano. Já as ilustrações de negros, quando aparecem, vêm em segundo plano e são retratadas de maneira grosseira e estereotipada. O negro é representado como escravo, a preta velha contadeira de histórias, a ama-de-leite, a mucama, etc.

A mulher negra, por ser duplamente discriminada em nossa sociedade, também quase nunca aparece nos didáticos e quando o faz é de maneira caricaturada – a mulher negra é sempre a doméstica negra, geralmente gorda, busto saliente, ancas enormes e traços negróides bem acentuados, lembrando a figura da literatura infantil criada por Monteiro Lobato, a Tia Anastácia.

Nas estórias infantis, o personagem principal é sempre branco e os negros aparecem mais como coadjuvantes e meros figurantes. As famílias apresentadas são geralmente de brancos. Desconhece-se que o negro tenha família.

Até mesmo as crianças negras são discriminadas nos didáticos. As brancas aparecem em posições invejáveis, elevadas, dig-

nas e são sempre inteligentes e espertas. As negras, em imagens ridículas, inferiores e estereotipadas. Quando se trata de figuras nas quais as crianças estão comendo, as brancas comem legumes, maçãs e carnes. Já as negras aparecem digerindo bananas, como se isso pudesse relacioná-las pejorativamente com um macaco. Ao sugerir as posições que elas ocuparão no futuro, as crianças brancas aparecem como médicos, advogados, engenheiros, etc. E as negras com uma vassoura na mão.

Em alguns livros de formação religiosa, que se propõem a pregar determinados valores cristãos como a fraternidade e a solidariedade, a imagem de Jesus é também utilizada para inferiorizar a criança negra. Ele é apresentado como louro de olhos azuis, enquanto que a cor negra representa o mal incorporado no demônio. Assim, a partir dos primeiros anos de vida escolar, começa a influência negativa na vida das crianças. A criança negra começa a sentir o autodesprezo, a não respeitar e amar os seus parentes e, acima de tudo, sente-se envergonhada de seus antepassados, por não ter assumido sua negritude.

A quase total ausência de referências à história e cultura africanas nos livros didáticos faz com que a criança negra não se identifique com a escola de padrões eurocêntricos e ocidentais, que ignora a riqueza de sua identidade étnico-cultural. Daí explicar-se a crescente evasão escolar da população negra que sai prematuramente da escola, antes de concluir seus estudos básicos em nível de 1º grau.

Em síntese, o negro, de modo geral, é representado no livro didático da seguinte forma:

- negro associado a *preguiçoso, a mau, a animal, a feio, a favelado, a incapaz, a louco, a palhaço;*
- negro *exercendo atividades inferiores da nossa sociedade;*
- negro *caricaturado;*
- negro *resignado;*
- negro *humilhado pelo branco;*
- negro *apresentado como objeto, sem denominação (apelido);*

- dado), sem família e origem;*
- estereótipos explícitos em relação ao negro nos textos;*
- depreciação da cultura e do aspecto físico do negro;*
- agressão verbal ao negro;*
- total ausência do negro em vários livros;*
- negro como minoria;*
- negro em último lugar;*
- ausência de pai e mãe negros* ⁸.

4. À guisa de conclusão

A par de todas as considerações aqui feitas e por estarmos procedendo, em última instância, uma reflexão acerca do tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares, o professor, enquanto agente do processo ensino-aprendizagem, tem um papel de fundamental importância no sentido de, ao trabalhar juntamente a seus alunos com o livro didático em sala de aula, saber que o mesmo não é neutro e, por conseguinte, é portador de uma ideologia que, muitas vezes, reforça os preconceitos e estereótipos e traz, subjacente aos textos e ilustrações, uma imagem distorcida do negro ainda vigente na sociedade brasileira.

Se por um lado, a escola e os livros didáticos constituem instrumentos difusores do preconceito racial contra o negro e outros segmentos étnico-culturais, eles podem, também, transformar-se numa poderosa instância social de denúncia contra o racismo em nosso País ⁹. Basta, portanto, que nós educadores não cruze-

8. SILVA, Ana Célia da. "Estereótipos e preconceitos em relação ao negro nos livros de Comunicação e Expressão do 1º Grau", in *Caderno de Pesquisas: Raça Negra e Educação* Fundação Carlos Chagas, (63) nov. 1987, pág. 98.

9. Neste sentido, consultar as referências bibliográficas, sobretudo os livros: SANTOS, Joel Rufino. *A Questão do Negro na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 1990, Coleção "Na Sala de Aula" e CRUZ, Manoel de Almeida. *Alternativas para combater o racismo segundo a pedagogia interétnica*. Salvador: Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, 1989. Ambos propõem uma série de sugestões de atividades e posturas para o professor trabalhar com seus alunos, numa perspectiva mais crítica, a situação do negro na sociedade brasileira.

mos os braços e lutemos contra toda e qualquer forma de discriminação existente em nossa sociedade e, mais especificamente, no meio educacional brasileiro. Só assim estaremos contribuindo para a existência de uma escola cidadã, onde as diferenças étnicas não sejam motivo de discriminação e preconceito racial, mas condição indispensável para a construção de uma sociedade mais democrática e plural.

Referências Bibliográficas

- NOSELLA, Maria de Lourdes C. Deiró. *As Belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 8ª ed. São Paulo, Moraes, 1981.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia do livro didático*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1984.
- OLIVEIRA, João Batista Araújo et al. *A Política do Livro Didático*. São Paulo: Summus Editorial, 1984.
- FREITAG, Bárbara et al. *O Livro Didático em Questão*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989, Coleção Educação Contemporânea.
- SILVA, Aracy Lopes da. *A Questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º Graus*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BONAZZI, Mariza & Eco, Umberto. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo, Summus, 1980.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *O Livro didático de história no Brasil: a versão fabricada*. São Paulo, Global, 1982.
- HOFLING, Heloisa de Mattos. *O livro didático em Estudos Sociais*. Campinas, UNICAMP, 1986.
- Raça Negra e Educação. Cadernos de Pesquisa*, (63) nov. 1987. Fundação Carlos Chagas.
- Centro de Estudos Educação e Sociedade. *Cadernos CEDES*, nº 32. *Educação e Diferenciação Cultural: índios e negros*. São Paulo: Papyrus, 1993.
- _____. *Cadernos CEDES* nº 18. *O Cotidiano do Livro Didático*. São Paulo: Cortez, 1987.
- MICELI, Paulo. *O Mito do Herói Nacional*. São Paulo: Contexto, 1988, Coleção Repensando a História.
- SANTOS, Joel Rufino. *A Questão do Negro na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 1990, Coleção "Na Sala de Aula".
- CRUZ, Manoel de Almeida. *Alternativas para combater o racis-*

mo segundo a pedagogia interétnica. Salvador: Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, 1989.

BITTENCOURT, Circe M^a Fernandes. *Livro Didático e Conhecimento Histórico: uma História do Saber Escolar*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1993.

KOSSOY, Boris e CARNEIRO, M^a Luiza Tucci. *O Olhar Europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

Ministério da Educação e do Desporto/Fundação de Assistência ao Estudante. *Definição de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos (1^a a 4^a séries)*. Brasília: MEC/FAE, 1994.

